**De Onde vem a Opressão?**

 *Andréa Maria Carneiro Lobo\**

No ano de 1974, quando o Brasil ainda era governado por uma Ditadura, o poeta Antônio Carlos de Brito (*Cacaso*) lançava um livro intitulado “O Grupo Escolar”. Nele se poderia ler um poema, que começava assim:

*Sonhei com um general de ombros largos*

*Que fedia*

*E que no sonho me apontava a poesia*

*Enquanto um pássaro pensava suas penas*

*E já sem resistência resistia...*

Em tempos de ditadura, a figura do General remete à ausência de liberdade. Mas o poema também fala de um pássaro pensando sobre suas próprias penas: seria uma ave que não consegue voar? Ou um poeta impedido de escrever?

Mas, mesmo assim, o pássaro (ou o poeta?), quase já sem resistência, resiste. A escrita como resistência, a poesia como estratégia de luta contra a falta de liberdade.

 No contexto em que esse poema foi escrito, a liberdade de expressão era um direito que precisava ser reconquistado: foi destituído, junto com a Democracia, no Golpe de 1964. A opressão vinha de diferentes formas: censura, liberdade vigiada, impedimento de votar... Mas de uma só direção: de um Estado de exceção.

Hoje os tempos são outros: vivemos novamente em uma democracia. Podemos votar, expressar o que sentimos e desfrutamos do direito de ir e vir. Isso não veio de graça: foi fruto das mobilizações dos sindicatos, das passeatas dos estudantes, da resistência armada da guerrilha, dos manifestos, dos poemas, dos cartuns, das músicas de protesto... Formas de resistência que, a duras penas, foram, aos poucos, minando a Ditadura - e a opressão que ela representava.

 Então, isso significa que hoje, não nos sentimos mais oprimidos, certo? Errado. A diferença, é que hoje, a opressão vem de lugares tão diferentes e diversos, e muda de estratégia tão rapidamente, que não conseguimos identificar sua origem. Não conseguimos saber de onde ela vem, para combatê-la, ainda que seja com a poesia. Hoje, a opressão parece vir de todos os lados - e até de dentro da gente.

 Uma opressão decorrente de um ritmo de vida, por nós mesmos criados, mas que é desproporcional às nossas forças, quase impossível de ser cumprido. Como no trecho da música “Teatro dos Vampiros” de Renato Russo, um dos poetas do pop rock brasileiro dos anos 80 e 90:

*“... Esse é o nosso mundo*

*O que é demais nunca é o bastante*

*E a primeira vez*

*É sempre a última chance*

*Ninguém vê aonde chegamos*

*Os assassinos estão livres*

*Nós não estamos...*

Qual a razão da nossa angústia? Quais as questões que atualmente, nos oprimem? No dia-a-dia agitado de uma grande cidade, pequenas aflições se acumulam: trânsito parado, ônibus lotado, chegar atrasado, comer sempre correndo, estar sempre devendo.

De repente, uma fagulha – algo como o aumento da passagem de ônibus – é o que basta para explodir um barril repleto de insatisfações contidas. De diferentes lados da cidade – e da pirâmide social – pequenas labaredas se juntam e externam sua indignação. Diante da força “perigosa” da multidão, aquele poder repressivo, covarde, que julgávamos extinto com o fim da ditadura, volta à tona, mostrando que nunca deixou de existir.

 Outros tempos, novas angústias, outras formas de opressão (e de resistência), mas a mesma forma de repressão. É a violência do Estado, manifesta pela força policial e que se volta justamente contra aquela que constitui uma das formas mais legítimas da política: a mobilização popular.

*\*Andréa Maria Carneiro Lobo é professora da Unibrasil e doutoranda em História pela UFPR.*